**OS DESAFIOS E VIVENCIAS DE UMA JOVEM MULHER NEGRA, MÃE E ESTUDANTE DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 EM FORTALEZA.**

**Autor: Mariana do Carmo Matias**

Discente Centro Universitário Fametro - Unifametro

[mariana.matias@aluno.unifametro.com](mailto:mariana.matias@aluno.unifametro.com)

**Autor 2: Pedro Lucas Nunes Lima**

Discente Centro Universitário Fametro – Unifametro

[pedro.nunes.lima14@gmail.com](mailto:pedro.nunes.lima14@gmail.com)

**Autor 3: Irineia Raquel Vieira**

Docente/orientadora - Centro Universitário Fametro – Unifametro

[irineia.vieira@professor.unifametro.edu.br](mailto:irineia.vieira@professor.unifametro.edu.br)

**Área Temática:** Movimentos Sociais, Conflito e Direitos humanos

**Encontro Científico:** IX Encontro de Iniciação à Pesquisa

**RESUMO**

Com a nova realidade de um contexto pandêmico o artigo contemplará uma vivência através da ótica de uma mãe dentro das dificuldades existentes no início do isolamento social, o objetivo central é problematizar o exercício da maternidade durante pandemia do covid-19 a partir do relato de experiência de uma jovem mãe, mulher, trabalhadora, universitária e preta. A aplicabilidade dos métodos se deu com entrevista de formato escrito e discussão em grupos de leituras, ficou exposto como existe uma perturbação no conciliar afazeres, trabalho e filho. Concluímos pautando das dores que possuíram o ano de 2020 e como ainda estamos em um processo de desconstruir a visão da mulher de jornadas triplas que é invisibilizada dentro da sociedade patriarcal e machista.

Palavras-chave: Maternidade; Pandemia; Covid-19; Estudante; Trabalhadora.

**INTRODUÇÃO**

O artigo propõe dialogar com a vivência da estudante universitária Mariana do Carmo Matias no início da pandemia da Covid-19[[1]](#footnote-1)cenário que exigiu cuidados extremos e isolamento social para toda humanidade, diante dessa conjuntura fomos instigados pelos professores do curso serviço social da Unifametro a produzir um trabalho tratando de relatos de pessoas na pandemia o que gerou este artigo que versa sobre a maternidade em tempos de covid-19, tendo como prisma a história de vida da aluna acima mencionada.

Ainda sobre fato do interesse em trazer essa história e fazer toda análise da mesma foi de todo contexto de aprendizagem das disciplinas e a reflexão diante das tantas realidades diferentes na pandemia e para o aprofundamento da temática maternidade que é pertinente inspiração fruto de pesquisas e leituras optou-se por trabalhar sobre isso.

Diante disso, destacamos que a maternidade está relacionada a muitas tradições, julgamentos, modelos padrões de mãe, fortalecendo uma lógica patriarcal que nos coloca como seres de maior responsabilidade na criação e também gestação dos filhos, a respeito disso Scanoni et.al (2017) dirá que:

No entanto, a sociedade contemporânea, além de definir a maternidade como um evento importante na vida de toda a mulher, faz com que os diversos papéis por ela assumidos – mãe, mulher e profissional – resulte em um verdadeiro acúmulo de tarefas que exige uma elasticidade nunca antes sequer imaginada (Scanoni et.al p. 2, 2017).

Sendo assim, destacamos que há uma incompreensão do posicionamento da mulher na sociedade em relação a maternidade, onde nos enquadra como superpoderosas, mas que na verdade é um super acumulado de atividades, romantizando a exaustão dessa vivência de desdobramento para realizar os afazeres em todos os âmbitos: profissionalização, materno, trabalho e nas relações interpessoais.

Esse contexto de subalternidade da mulher, em especial da mulher mãe, está relacionado com a sociedade patriarcal na qual vivemos, Saffioti discutirá o conceito do patriarcado:

1 – não se trata de uma relação privada, mas civil;

2 – dá direitos sexuais aos homens sobre as mulheres, praticamente sem restrição. Haja vista o débito conjugal explícito nos códigos civis inspirados no Código Napoleônico e a ausência sistemática do tipo penal estupro no interior do casamento nos códigos penais. Há apenas uma década, e depois de muita luta, as francesas conseguiram capitular este crime no Código Penal, não se tendo conhecimento de se, efetivamente, há denúncias contra maridos que violentam suas esposas. No Brasil, felizmente, não há especificação do estuprador. Neste caso, pode ser qualquer homem, até mesmo o marido, pois o que importa é contrariar a vontade da mulher, mediante o uso de violência ou grave ameaça;

3 – configura um tipo hierárquico de relação, que invade todos os espaços da sociedade;

4 – tem uma base material; gênero,

5 – corporifica-se;

6 – representa uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia quanto na violência. (Saffioti p. 57, 2011).

A sociedade patriarcal é reverberada através, também, de discursos ideológicos nas esferas políticas e/ou religiosas. Diante disso como fonte de base os direitos humanos reconhecem que a dignidade humana é inerente a efetivação de direitos iguais, onde os mesmos devem ser invioláveis e se fundamentam na liberdade. Anna Paula Bagetti Zeifert e Vitória Agnoletto vão dizer:

[...] a cultura dos direitos humanos nasce em meio às relações de poder e de colonialidade já existentes, constituindo-se a partir de uma noção de dignidade totalmente ocidental. Historicamente, os direitos humanos são apresentados como um resultado das lutas, revoluções e reinvindicações europeias e norte-americanas, do mesmo modo que se sustentam na visão eurocêntrica do mundo. (ZEIFERT E AGNOLETO, 2019. vol. 9, num. 26).

No Brasil, os direitos humanos encontram barreiras políticas para se efetivarem socialmente e judicialmente, apesar de ter avançado na proteção e promoção dos direitos as diferenças do acesso aos mesmos é problemática, os próprios direitos humanos enfrentam barreiras estruturais historicamente construídas resultados do genocídio da população indígena, pela escravidão, ditaduras e violência de gênero e sociais fundadas no patriarcado. Tudo isso tem como um dos resultados a dificuldade no acesso a saúde pública no nosso país, com o desmonte do SUS, o baixo investimento em saúde pública, cuidados e prevenção.

O não acesso a saúde fica expresso no enfrentamento a pandemia da Covid–19 em nosso país, pois encontra na população usuária do SUS o alvo fácil de propagar-se. O fim de vários programas de bolsas cientificas, divulgação de tratamentos incorretos, falta de estrutura para atender a população mais carente, com um plano nacional de vacinação lento e falho e com o próprio governo federal negando várias propostas de vacina foram essenciais para o Brasil ser hoje o país com mais mortes pela Covid-19.

A reportagem de Luiz Felipe Stevanim questiona: Ficar em que casa? A expansão da pandemia de Covid-19 pelas favelas, periferias e interiores do Brasil escancarou a perversa desigualdade social e econômica entre as classes sociais, naturalizada e aceita por grande parte da sociedade e das instituições do Estado, o que representa uma barreira às recomendações de higiene básica, distanciamento físico e permanência em casa, alerta a **Radis** (2020).

Então dentro deste processo houve uma erradicação desses problemas, o recorte da pandemia e os números de mortes no Brasil vão apenas supracitar a consequência de uma desatenção e descaso do Estado com a população brasileira.

O objetivo geral é problematizar o exercício da maternidade durante pandemia do Covid-19 a partir do relato de experiência de uma jovem mãe, mulher, trabalhadora, universitária e preta. Os objetivos específicos, destacar teoricamente as concepções sobre maternidades, conhecer a experiência de vida de uma jovem mãe durante a pandemia do Covid 19, relatar os principais desafios enfrentados durante a pandemia do Covid-19 por uma jovem mãe da mãe, mulher, trabalhadora, universitária e preta, conjuntamente como apresentar a experiência vivida e como afetou a qualidade de vida, e qualidade do ensino no semestre 2020.1.

**METODOLOGIA**

O artigo em questão trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativa, durante fase exploratória nos utilizamos da pesquisa bibliográfica, aonde foram utilizados textos de autores referentes na área de gênero e maternidade, os aportes teóricos foram importantes na interpretação das categorias maternidade, pandemia e trabalho. Houve momentos paralelos de leitura sobre direitos humanos para tratar das questões que foram explícitas bem como leituras conjuntas para discussões que trariam compreensão sobre a questão maternidade.

Para Minayo et.al 2002 o conceito de pesquisa qualitativa:

Trabalham com a vivência, com a experiência, com a cotidianeidade, e também com a compreensão das estruturas e instituições como resultados da ação humana objetivada. Ou seja, desse ponto de vista, a linguagem, as práticas e as coisas são inseparáveis. (Minayo et.al, p. 24 2002).

A escolha pela pesquisa qualitativa caminha com a maleabilidade do pesquisador para estruturar, mas perceber que existe questões delicadas que podem tomar um rumo diferenciado da intenção inicial, Goldenberg 2011 contará:

Os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos. Estes dados não são padronizáveis como os dados quantitativos, obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los. (Goldenberg, p. 44, 2011).

Durante fase de campo foi feito um roteiro de perguntas que seguia uma ordem - começo, meio, e fim - em conjunto com a fala da própria mãe em questão. Por fim, os dados foram analisados e estão expressos nesse artigo.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Inicialmente traremos a identidade da aluna que foi foco da pesquisa, no sentido de deixar claro os grupos aos quais pertence e não no sentido de revelar seu nome.

O ano de 2020 começou e com ele meus planos de fazer um bom ano de faculdade, sou estudante de serviço social, tento conciliar a vida de mãe, noiva, filha, amiga e estudante tudo em um mesmo corpo, o meu. Como mulher preta, moradora do Demócrito Rocha e jovem a pandemia me tirou de eixo, me tirou dos espaços onde encontrava meus amigos, espaço de trabalho e de estudos. Tivemos que restringir contatos através de conexões tecnológicas. As possibilidades de encontros presenciais foram cada vez mais afetadas e diminuídas. (MATIAS, 2020).

Percebe-se como são altas as demandas e a dificuldade da adaptação do mundo virtual, seguindo ainda Hashimoto et.al (ano) ao tratar da história da maternidade diz que a mulher em dado ponto dessa construção permite uma evolução no papel social da mulher além de posição de status na sociedade (que elas não possuíam na época), e também um grande poder. Mas mesmo com essa “evolução” não tem ainda uma isenção do pesar da sociedade sobre o ser materno.

A maternidade traz inúmeros sentimentos, mas algo que é constante entre mulheres mães, é o relato da falta de tempo para exercer as atividades que antes era comum para as mesmas, conciliar as inúmeras atividades próprias de uma mulher na sociedade em que vivemos com a maternidade, passa a ser o grande desafio e isso fica expresso na fala a seguir:

Nesse semestre tão importante isso toma de conta do meu dia inteiro, a academia, que antes eu fazia, ficou só para o meu noivo, minhas prioridades são estágio, estudos, e não sobra um tempo para isso. Bolei vários planos mas o dia a dia, a semana, é massacrante, o cansaço psicológico e físico me desmotivam, questões como apego, inseguranças me rodeiam tanto e eu gosto de imaginar quem eu seria e como eu seria com uma terapia, acredito ser de extrema importância na vida de qualquer um. (MATIAS, 2020).

Retratamos que cada ponto de sua fala foi proveniente de instigações feitas no decorrer da escrita ao sentir que ainda havia algo que a participante gostaria de falar, e do começo ao fim houve o comprometimento de passar a história dessa vida na pandemia .

ceder ao cansaço.

.

A solidão na maternidade é dolorosa, mesmo não estando só, o que ela traz tentando trazer também um pouco do que já viu ou ouviu de outras mães, a falta de sossego, sono, essa fala não vem só dela, mas do que já conversou com suas iguais. Adiante esta revelará que mesmo pedindo por um momento para tentar se sentir novamente parece estranho não ter aquele ser do lado o tempo todo.

Reflito sempre de que forma poderia ser diferente, trabalho em casa, estudo em casa de que forma eu sou isenta algum momento desses da presença de uma criança, e quando tenho a oportunidade que peço um descanso para o meu noivo ir na praça passear, aproveito um pouco, apenas porque assim como ele eu também me acostumei tanto a estar o tempo todo naquele espaço, que nem sei mais quem sou eu longe. É assustador, mas é real, as trocas com amigas mães revelam sentimentos parecidos que é difícil para a mulher brasileira com zero privilégios. (MATIAS, 2020).

Existe a dificuldade de se cuidar pós parto, mesmo conseguindo um tempo para si que é precisa ser considerado como fator importante, além do home office que ficou em alta nesse período devido o isolamento social, mas que vira um desafio quando se tem um filho tão independente ainda de meses de vida apenas.

Os resultados apresentam como viveu-se uma amplitude de problemas demarcados pelo cenário conturbado da pandemia da Covid-19, e aqui trouxemos a representatividade da carga materna com os mistos trabalho e universidade, cada vez mais deve-se abrir espaço para discutir o que as mães trazem na sua trajetória de vida.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Analisar a vivencia e as dificuldades de uma jovem mulher negra, mãe, estudante e periférica dentro de um contexto pandêmico, que agravou essas dificuldades mostrando a deficiência do Estado ao lidar com a pandemia do coronavírus, foi um desafio necessário para evidencia a vivencia da jovem. A falta do Estado se exemplifica no desmonte da saúde pública, na falta de políticas públicas para saúde mental, nas periferias, onde o Estado não chega e nos corpos negros, que historicamente tem dificuldades em acessar politicas socias e públicas.

Os desafios são muitos, mas a importância da discussão sobre ser mãe, mulher e estudante dentro dos múltiplos papeis que a sociedade patriarcal impõe na mulher, de ser uma mulher negra e periférica, em uma sociedade desigual socialmente e que foi construída em cima da escravidão e da desigual racial, se faz importante para dar protagonismo a indivíduos quase nunca destacados.

É preciso cada vez mais entendermos que não estamos todos nos mesmos lugares socialmente, para isso devemos reconhecer os recortes necessários para debater como a pandemia atingiu a sociedade brasileira para não existe um debate injusto e excludente.

**REFERÊNCIAS**

EMIDIO, Thassia Souza. HASHIMOTO, Francisco. **Poder feminino e poder materno: reflexões sobre a construção da identidade feminina e da maternidade.** Colloquium Humanarum, Presidente Prudente, v. 5, n. 2, p. 27-36, dez. 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisas qualitativas em ciências sociais.** Rio de Janeiro. 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2001.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado, Violência.** São Paulo, Jan. 2011.

ZEIFERT, Anna Paula Bagetti. AGNOLETTO, Vitória. **O pensamento descolonial e a teoria crítica dos direitos humanos: saberes e dignidade nas sociedades latino-americanas.** Rio Grande do Sul, vol. 9, num. 26, 2019.

STEVANIM, Luiz Felipe. **Desigualdade social e econômica em tempos de Covid-19.** Portal fiocruz. 13 de mai de 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/desigualdade-social-e-economica-em-tempos-de-covid-19>

1. O COVID –19 é uma doença proveniente do vírus SARS-CoV-2 que se tornou uma pandemia aterrorizando à todos, por ser uma doença totalmente desconhecida que se espalhou afetando a população de várias formas diferentes e trouxe números recordes de mortes, [↑](#footnote-ref-1)